

Tenda espírita de Umbanda São Jorge (Clevelândia/PR): prática religiosa e memória familiar

Taíza Gabriela Zanatta Crestani¹

Silvio Antônio Colognese²

Resumo: Este artigo compreende o resgate de narrativas em torno da fundação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, situada na cidade de Clevelândia (popularmente conhecida como a “mãe” da região sudoeste do Estado do Paraná). Esta instituição foi fundada na década de 1960 pelos pais da atual Dirigente Espiritual, Dona Jurema, que há cerca de dez anos assumiu a responsabilidade pelo desenvolvimento dos rituais religiosos. Para tanto, a Ialorixá conta com o apoio do marido (Dirigente Administrativo) e do filho (Ogã de Atabaque). Além disso, outros membros da família frequentam o local (na qualidade de médiuns), demonstrando que a história familiar se entrecruza à história da Tenda.

Palavras-chave: Paraná – Clevelândia - Umbanda – Religião Afro-brasileira – Memória Familiar.

São Jorge Umbanda Spiritist Tent (Clevelândia/PR): Religious Practices and Family Memory

Abstract: The present article comprises a rescue of narratives regarding the foundation of the São Jorge Umbanda Spiritist Tent, located in the municipality of Clevelândia (popularly known as “mother” of the southwestern region of the state of Paraná). This institution was founded in the 1960s by the parents of the current Spiritual Manager, Mrs. Jurema, who took upon herself the responsibility for the development of religious rituals about ten years ago. To do so, the Ialorixá has the support of her husband (Administrative Manager) and son (Ogã of the Atabaque). Moreover, other family members attend the location (as mediums), demonstrating that family history intertwines with the history of the Tent.

Keywords: Paraná – Clevelândia - Umbanda – Afro-Brazilian Religion – Family Memory.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Unioeste e Docente na UNOESC-SC. E-mail: taizagabriela2017@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela UFRGS (1997) e Docente Efetivo da Unioeste/Campus de Toledo-PR. E-mail: silviocolognese@ibest.com.br

Introdução

De acordo com Bastide, a Umbanda é a genuína religião brasileira. Foi instituída no Brasil, em 1908, por Zélio Fernandino de Moraes. Entre as suas principais características, podemos citar o culto aos Caboclos, os Pretos-Velhos e os Índios: representantes das etnias nacionais, que, em contexto ritualístico, são reconhecidos como entidades.

Dentro da Grande Umbanda, existem inúmeras vertentes (como é o caso da Umbanda Sagrada, Umbanda Esotérica, Umbanda Cruzada, Umbandomblé, entre outras), de modo que a sua prática varia de terreiro para terreiro. As Federações de Umbanda, instituições que têm o intuito de salvaguardar a identidade da religião, preveem alguns princípios básicos que as instituições religiosas precisam manter para que possam ser caracterizadas como Umbanda, mas a forma de firmar ponto, bater cabeça, ascender vela, ou seja, a forma de condução e manejo dos trabalhos religiosos fica a critério dos respectivos sacerdotes (também chamados de Dirigentes, Babalorixá/Ialorixá, ou simplesmente “Pai de Santo”/ “Mãe de Santo”). Daí a importância de buscarmos compreender de que forma estas instituições propõem diálogo com a realidade local onde estão inseridas.

O primeiro Terreiro de Umbanda da região sudoeste do Estado do Paraná foi fundado na década de 1960, por José Pereira dos Santos e sua esposa Trindade Miguel dos Santos. A instituição religiosa foi construída no perímetro urbano da cidade de Clevelândia, quando a presença de descendentes de imigrantes italianos, poloneses e alemães – os chamados “de origem” (RENK, 2002) era majoritária, e a prática do catolicismo era predominante.

José era nordestino e ficou conhecido entre os munícipes como “Seu Baiano”. Foi convidado a fixar residência na localidade durante um período de passagem, quando um sujeito desconhecido recorreu a ele em busca de auxílio. Permanece um mistério a forma como este senhor (que posteriormente se associou à Tenda Espírita de Umbanda São Jorge) tomou conhecimento dos trabalhos mediúnicos desenvolvidos por Baiano e Trindade, visto que o casal estava na cidade de passagem e residiam até então em Curitiba/SC. Fato é que este contato foi crucial para viabilizar a construção do núcleo de práticas religiosas, conforme veremos adiante.

Desde 2009, quem comanda os trabalhos religiosos é Dona Jurema (filha dos fundadores) e seu esposo Valdir, os quais contam com o apoio dos filhos (sendo um deles responsável pela parte musical que dá vida aos rituais) e médiuns remanescentes (tal como é o caso das irmãs de Dona Jurema e da Mãe-pequena e do Ogã da Tenda, que conheceram Baiano e Trindade). Destarte, nota-se que a prática religiosa e a memória familiar encontram-se amparadas uma na outra. Ao falar da história da instituição religiosa, os Dirigentes atuais constantemente aludem não só aos trabalhos religiosos desenvolvidos pelos fundadores, mas, sobretudo, às experiências compartilhadas com eles no seio da família, demonstrando ser a instituição uma espécie de elo que viabiliza o acesso ao passado e permite a sua ressignificação à luz de novas configurações.

Neste artigo, esmiuçamos estas “idas e vindas”, por meio do resgate das narrativas dos médiuns mais antigos que atuam no âmbito da Tenda e de familiares da atual Dirigente que tiveram a oportunidade de conhecer Seu Baiano e Dona Trindade. Com vista a enfatizar o conteúdo dos relatos, ao invés de dividir o trabalho em “fundamentação teórica” e “desenvolvimento”, optamos por dinamizar a leitura, propondo o entrecruzamento dos dados oriundos do campo aos resultados da pesquisa bibliográfica de forma concomitante. Contudo, conforme o leitor

verificará, este artigo encontra-se dividido em duas grandes partes: na primeira (que compreende os três primeiros itens), enfatizamos a trajetória da instituição das práticas umbandistas no cenário clevelandense, dialogando com as características do contexto social. Em seguida, refletimos sobre a herança familiar e a valorização do saber intergeracional ligado às práticas religiosas, e demonstramos que os laços e vínculos de identificação transpõem as relações de parentesco e encontram espaço de representação em âmbito ritualístico.

Um convite inesperado

Em 1960, durante um breve período de estadia no município de Clevelândia, José Pereira dos Santos e Trindade Miguel dos Santos (os fundadores da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge), foram convidados a se estabelecer na localidade. Tal solicitação adveio de um senhor chamado Valdemar Grozetta que, “*não se sabe como*”, ficou sabendo que José benzia e o procurou, levando consigo a irmã e a filha que estavam doentes.

Ao chegarem até a casa onde o casal estava hospedado, prontamente as enfermas foram atendidas. Na ocasião, José lhes forneceu orientações por meio do exercício da mediunidade, indicou banhos de ervas e recomendou que, dentro de dois ou três dias, ambas retornassem para que ele pudesse averiguar os efeitos da intervenção.

Para a surpresa de Grozetta, logo na primeira semana foram observados sinais de melhora significativa no quadro sintomático apresentado. Relembrando o acontecimento, destaca Dona Jurema:

O pai e a mãe perderam dois filhos, um faleceu em Lages e um faleceu em Curitiba. Eles ficaram muito tristes. O pai, por ser aventureiro, gostava de viajar. Como eles haviam passado por momentos difíceis essa mudança talvez fosse vista por eles como uma oportunidade de recomeço [...] Bem, as pessoas que nos convidaram pra ficar [em Clevelândia] nem nos conheciam. Ficaram sabendo que os meus pais eram espíritas e estavam na cidade, então os procuraram. Depois do Seu Valdemar ter vivenciado a cura da filha através dos atendimentos que o pai e a mãe fizeram, ele disse: ‘Seu Baiano, Clevelândia precisa de pessoas como vocês. Por que vocês não ficam aqui na cidade?’. Aí o pai olhou pra mãe e disse: ‘Vamos ficar?’ e a mãe disse ‘vamos!’ [...] Então o pai e a mãe conversaram, decidiram sair de Curitiba e nos comunicaram. Boa parte do que ele tinha ele vendeu, outra parte ele deu e o que ele não conseguiu nem vender e nem doar, ele queimou (risos) e viemos pra cá (DONA JUREMA – Entrevista 01, agosto de 2016).

De acordo com Dona Jurema, quando ainda moravam em Curitiba/SC, seus pais realizavam atendimentos em âmbito residencial. Principalmente Dona Trindade, visto que o esposo não dispunha de tempo em função das obrigações laborais. Muitos dos que batiam às suas portas, à semelhança de Grozetta, o faziam sob a alegação de não possuir esperança de salvamento.

Com a propagação das histórias de superação de doenças e infortúnios entre os familiares e amigos dos enfermos que residiam em cidades distantes e não tinham meios e/ou condições para se deslocar até Clevelândia/PR, uma prática que se tornou frequente foi a realização de atendimentos via telefone. Assim, ao se estabelecerem em território sudoestino, os pais de Dona Jurema possuíam uma trajetória marcada pela realização de atendimentos individuais voltados à promoção da cura, bem como grande conhecimento acerca das entidades e divindades que compõem o panteão umbandista.

Cabe destacar, neste sentido, que recorrer a curandeiros e benzedoras na busca do alívio de sofrimento físico e/ou psicológico era uma prática comum entre os moradores do município supracitado, devido à propagação dos relatos das andanças do Monge João Maria pelo território, antes e após a eclosão da Guerra do Contestado. Assim, quando a Tenda Espírita de Umbanda São Jorge é fundada na localidade, o catolicismo popular (herança dos estancieiros portugueses, reformulada a partir do diálogo com outros saberes e práticas dos nativos da região) já havia se consolidado como tradição (CRESTANI, 2018). Com o advento da Umbanda, estas práticas se acoplam e são reformuladas a partir da lógica que dá sustentação ao culto das forças elementares da natureza (que assumem a feição de Orixás: divindades africanas).

Pouco se sabe a respeito do primeiro contato de Seu José com a religião Umbanda, visto que ele não costumava falar abertamente a respeito da sua infância e juventude. Porém, sabe-se que o início do seu desenvolvimento mediúnico ocorreu num terreiro localizado na Bahia, sua terra natal. Mas, devido às constantes viagens, passou a conhecer e frequentar outros terreiros no Estado do Rio de Janeiro e, mais tarde, na cidade de Florianópolis - onde sua esposa tornou-se Filha de Santo:

Quando o pai e a mãe se conheceram [em Lages], minha mãe já apresentava sinais de mediunidade, mas a família dela não entendia: diziam que ela sofria de ataque. Por conta disso, frequentemente era encaminhada para o hospital, mas, na verdade, não se tratava de doença. Então, identificando a situação, meu pai encaminhou ela para se desenvolver enquanto médium num terreiro conhecido em Florianópolis. Um fato interessante é que numa visita que os meus pais fizeram a este terreiro um tempo depois, a mãe de santo disse para o meu pai que ele estava nesse mundo para cumprir uma missão e que para poder fazer isso, precisava se estabelecer num lugar e parar de viajar. Precisava criar raízes [...] O pai trabalhando conseguiu comprar caminhão, tinha armazém, mas gastou tudo com doença. Quando ele começava a alinhar... acontecia algum imprevisto e ele acabava se desestabilizando financeiramente [...] Então, nesta visita que eles fizeram em Florianópolis, a mãe de santo disse pra ele: 'você tem que parar e tem que cumprir tua missão. Essas coisas ruins que aconteceram são sinais do chamado que você não está conseguindo entender'. A partir daí ele começou a viajar menos e se dedicar mais ao atendimento de pessoas. Quando viemos para cá [referindo-se à Clevelândia], o Valdemar nos ajudou a encontrar uma casa para a gente se estabelecer, e o pai, enfim, decidiu se fixar. Um tempo depois, ele comprou este terreno onde a Terreira foi construída. Aqui morava um senhor, carroceiro que vendia lenha, e como começou povoar a cidade na época, e ele não queria mais ficar aqui, colocou o terreno para vender e foi morar mais perto no interior. Assim, na medida em que a gente foi se familiarizando e se inserindo, o pai conseguiu comprar também o terreno ao lado da Terreira, onde mora minha irmã, e uma outra casa aqui perto, onde eu fui morar logo depois de casada e é onde a minha filha mora hoje (DONA JUREMA – Entrevista 02, novembro de 2016)

Um dos critérios considerados por Seu Baiano na escolha do terreno onde a família veio a se instalar foi a localização: a intenção era fixar residência num bairro não muito afastado do centro da cidade, no intuito de facilitar o acesso às instituições de saúde e o uso dos espaços públicos. Na época, seus filhos biológicos estavam em idade escolar e, portanto, a distância entre a residência e as instituições de ensino foi também levada em consideração.

Na época da mudança, a atual Dirigente da instituição tinha por volta de oito anos, foi matriculada na Escola Municipal e, em seguida, passou a frequentar o Colégio São Luís, dirigido pela Irmãs Salvatorianas, as quais frequentemente visitavam a família. Ao recordar a época, Dona Jurema ressalta que o seu pai tinha muita facilidade para fazer amigos, e que o fato de ser umbandista nunca foi considerado um obstáculo para tanto.

Por gostar muito de crianças, Seu Baiano começou a organizar festas juninas logo após se estabelecer definitivamente. No mês de junho, fazia fogueiras de vinte metros e Dona Trindade preparava comidas típicas (pipoca, quentão, pinhão), as quais distribuía gratuitamente. Nestas ocasiões, grande parte dos moradores locais se reunia defronte à casa de Dona Jurema, num terreno baldio, para participar das festividades. Entre os espectadores, não raras vezes estavam representantes religiosos.

Dona Jurema, a exemplo de suas irmãs e irmão, concluiu a catequese seguindo as orientações dos pais. Tanto antes quanto depois da inauguração da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, Baiano e Trindade nunca vedaram a participação dos filhos nas missas: “[...] *meu pai sempre nos dizia: vão, estudem e conheçam para vocês decidirem o que é melhor para a vida de vocês. Se queríamos ir, eles nos acompanhavam sem problema nenhum [...]*” (DONA JUREMA – Entrevista 01, agosto de 2016).

Na cidade de Clevelândia, Seu Baiano e Dona Trindade auxiliaram na educação de vinte crianças (as quais conviveram com os filhos biológicos do casal). Algumas permaneceram mais tempo em sua casa, outras menos (dependendo da necessidade de cada uma), e não conviveram todas no mesmo período. De acordo com a atual Dirigente:

Nós considerávamos todos irmãos, porque convivíamos como se fôssemos, compartilhávamos refeições, a gente ia para a escola junto, se ajudava com as tarefas da casa. Os aniversários, também, sempre que possível a gente comemorava. Claro, nada extravagante, tudo muito simples de acordo com as condições do pai e da mãe (Entrevista 03, abril de 2017).

[...] Nossa, eu me lembro muito bem do pai...quando ele chegava em casa às vezes com frutas, melancia, banana, o que fosse, e sentava na frente de casa, chamava todo mundo pra comer, era uma festa... Se passava crianças na rua ele oferecia: ‘quer um pedaço?’ e as crianças paravam para conversar com ele, ficar com a gente (Entrevista 02, novembro de 2016).

Em consonância, destacam as irmãs de Dona Jurema que atuam como médiuns na Tenda Espírita de Umbanda São Jorge:

[...] O pai ele era muito de compartilhar as coisas, adorava fazer isso, se alguém precisava de remédio, de roupa de frio, ele dava um jeito, não gostava de ver ninguém passando fome. Tanto que eu sempre digo, meu pai não estava na Umbanda, ele era a Umbanda, porque ele fazia caridade todo o santo dia (MEDIUM 11, dezembro de 2017).

Meu pai era aquela pessoa que você podia contar pra tudo. Era só chamar que ele ia correndo, em caso de saúde, levar gente para o hospital, do hospital pra casa... ele ia. Tanto que é muito comum até hoje a gente sair pela região e as pessoas ainda vêm nos dizer ‘seu pai me ajudou nisso’, ‘sua mãe me curou’ etc. Com a Terreira, isso se propagou, mas eles sempre foram assim, de estender a mão, conversar com as pessoas que buscavam auxílio (MÉDIUM 19, novembro de 2017).

Percebemos que a noção de caridade é o ponto referencial dos discursos das filhas acerca das experiências vividas com o pai (como se, em vez de ser compreendida enquanto ação, a caridade fosse um traço inerente à personalidade de Seu Baiano).

Cabe frisar, em consonância, que por terem se tornado conhecidos pela solicitude, logo no início da realização dos trabalhos mediúnicos na Terreira o público era bem expressivo, formado basicamente pelas pessoas que se dirigiam aos fundadores buscando atendimento individualizado.

Figura 1 - Público em noite de Gira na década de 1960



Fonte: Arquivo pessoal de Linda Jurema dos Santos Siqueira.

Figura 2 - Médiuns da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (1970)



Fonte: Arquivo pessoal de Linda Jurema dos Santos Siqueira. Da esquerda para a direita, encontra-se a atual Dirigente (Dona Jurema) ao lado do pai (Seu Baiano). Dona Trindade é a mulher que está no centro da imagem, fazendo uso de um cocar.

Perseguições e preconceito

A propagação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge como uma espécie de centro de operacionalização de cura acabou chamando a atenção de profissionais da saúde que atuavam no recém-construído hospital da cidade. Segundo o Ogã da Terreira:

Os médicos da época começaram uma perseguição muito grande em cima da Terreira. Tínhamos que assinar o Livro de Presença [...] Mesmo que na época de Getúlio Vargas, tenha-se tido uma boa abertura para a Umbanda, nós passamos por provações muito grandes [...] Então o Baiano tomou a decisão de ir para Curitiba. O que que ele fez? Ele registrou a Terreira no Cartório e retornou para Clevelândia [...] Por isso, juridicamente, nos órgãos públicos, nós estamos muito bem documentados e assegurados em função das necessidades que surgiram naquela época (OGÃ DA TERREIRA – Entrevista 01, setembro de 2017).

Cabe salientar que, até o final da década de 1940, Clevelândia/PR não contava com uma rede de serviços assistenciais: os médicos realizavam somente atendimentos particulares, quando chamados às residências dos enfermos. Após a construção de um posto de saúde em 1950, a responsabilidade pela realização de vistorias domiciliares passa a ser incumbida aos chamados guardas sanitários: indivíduos que desempenhavam função semelhante à dos agentes de saúde – ainda que priorizassem em sua esfera de trabalho um viés mais higienista (VIECILI, 2003).

Em consonância, os registros concernentes à data de instalação do Hospital e Maternidade São Sebastião (o primeiro da localidade) tangenciam o mesmo ano do estabelecimento da Comunidade das Irmãs do Divino Salvador, que ocorreu em 1957. Inclusive, muitas das freiras eram auxiliares dos médicos – conforme destacam Andrade e Loures (2014) - demonstrando que a religião dominante e as práticas de saúde andavam de mãos dadas.

Segundo Ortiz (1999), a primeira instância que exerceu a sua autoridade discursiva para barrar à integração da religião umbandista à sociedade brasileira foi a ciência. Fazendo uso de conceitos evolucionistas, os representantes do saber erudito caracterizaram os estados de transe mediúnicos como manifestações de quadros psicóticos, e as práticas de curandeirismo como exercício da medicina ilegal. Neste sentido, quando surgem as Federações de Umbanda, estas foram obrigadas a distinguir cultos verdadeiros (realizados nos terreiros cadastrados) dos cultos falsos (que os adeptos referenciam como sendo “práticas de charlatanismo”), de certa forma incorporando a tarefa repressiva em prol da própria organização e ordenação interna da religião (CHAUI, 1993).

As Federações, enquanto agências unificadoras, surgem para retirar a Umbanda da clandestinidade, fornecendo aos sacerdotes a possibilidade de responder aos ataques externos por meio de um mecanismo oficial de associação. É o vínculo do líder religioso junto à Federação que o permite solicitar amparo de um agente fiscalizador, tal qual faz o médico em relação ao Conselho Federal de Medicina, por exemplo. Tendo isso em vista, o credenciamento é utilizado tanto pelo sacerdote quanto pelo profissional da saúde como uma maneira de assegurar a integridade das suas respectivas esferas de domínio, ou seja, como comprovantes de aptidão para o desenvolvimento de tarefas específicas.

Vale destacar que a fundação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (14 de abril de 1964), ocorreu antes da instituição da Federação Paranaense de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros

(que acontece no ano de 1975)³. Na época, buscando defender-se das investidas, acompanhado de um advogado (médium da Terreira), Seu Baiano registra a Tenda Espírita de Umbanda São Jorge em Cartório. Além disso, seguindo a recomendação de dois amigos espíritas que residiam na cidade de Cascavel/PR, filia a instituição junto ao Conselho Mediúnico do Brasil.

Por volta de 1970, as práticas umbandistas voltam a ser alvo de críticas por parte de um padre:

Médium 11: *Na escola foi difícil, a gente sofreu no começo, por ser negra e ter o centro. Então tinha um pouco de preconceito. Mas nossos pais sempre nos ensinaram: ‘nunca desrespeite ninguém, mas se te desrespeitarem, erga a cabeça. Não abaixe a cabeça’ [...] Mas pensando, assim, eu acho que na época o preconceito não era tanto por causa da religião. Era mais por causa da nossa cor, entendeu. Que naquela época em Clevelândia, tinha nós e mais duas famílias que eram negras que tinham um status melhor. Mas foi só logo bem no começo mesmo. Da Umbanda, a mesma coisa. [...] O pai e a mãe nunca deram remédio, mas os médicos novos da época achavam que sim. Depois, esses médicos foram processados pelos meus pais por conta disso. Acho que eles pensavam que o centro iria tirar a clientela deles, ou algo assim. Eles vieram aqui nessa sala, onde nós estamos agora [referindo-se ao local de realização da entrevista] acusar o meu pai, e ele ficou quieto na hora, não armou confusão. Mas no dia seguinte procurou promotor, advogado. Até então nós tínhamos três advogados que eram médiuns da Terreira. Depois de muito tempo, eles vieram pedir desculpa para o meu pai e para a minha mãe, e pedir trabalho⁴. E depois ficaram amigos do pai e da mãe. Eles não sabiam, depois eles aprenderam, entende. Falta de conhecimento. Umbanda também é perdão, não é? [...] Só teve uma situação na Igreja, também, que o padre mencionou o nome do meu pai e da minha mãe na missa, e nós estávamos na missa. Meus filhos são batizados, nunca deixamos de ir na Igreja. Esse padre foi afastado da Paróquia um tempo depois, essa situação chegou até o Bispo de Palmas.*

Em relação ao mapeamento do campo religioso da cidade de Clevelândia, um aspecto interessante a ser frisado é que a data de fundação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge antecede a construção da atual Igreja Matriz (feita de pedra, localizada no centro da cidade, e hoje considerada um dos pontos turísticos da região sudoeste do Paraná). Até então, havia no local desta última uma igreja de madeira. É somente ao findar da década de 1960 – ou seja, após a abertura das portas da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge – que a Matriz é inaugurada.

Para Magnani (1986), como a emergência da Umbanda se dá por meio de uma lógica de apropriação de elementos heterogêneos, uns considerados legítimos aos olhos da Igreja e outros não, tende a ser alvo de retaliação. Segundo o autor, os argumentos do catolicismo oficial caracterizam a Umbanda como sinônimo de macumba e baixo espiritismo. Nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil, os umbandistas começam a organizar movimentos e congressos para firmarem as bases da doutrina e dos rituais, que passa a ser divulgada por intermédio das Federações. Assim, na década de 1960, a Umbanda é incluída na relação de religiões cadastradas pelo censo (MAGNANI, 1986). Portanto, tal qual nos mostra Jensen (2001), em

³ A respeito da realidade de Curitiba/PR, a partir da análise de reportagens e notícias vinculadas em jornais (como é o caso do Diário do Paraná), Baldaia (2013) evidencia que os representantes religiosos da Umbanda buscavam evidenciar que os seus princípios e prerrogativas se enquadravam ao processo histórico nacional. Para tanto, havia a preocupação por parte dos Dirigentes dos terreiros umbandistas em delinear estratégias de legitimação diante do campo cultural em que estavam inseridos. O surgimento das Federações de Umbanda ocorre num contexto em que as organizações que de alguma forma contribuíssem para valorizar a “identidade brasileira” começam a proliferar. Enquanto a única religião nascida no país, a Umbanda começa a conquistar espaço no Paraná (BALDAIA, 2013).

⁴ Referindo-se às práticas que são realizadas por intermédio das entidades espirituais direcionadas a fins específicos.

escala nacional o contexto histórico da fundação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge era favorável. Nas palavras da autora:

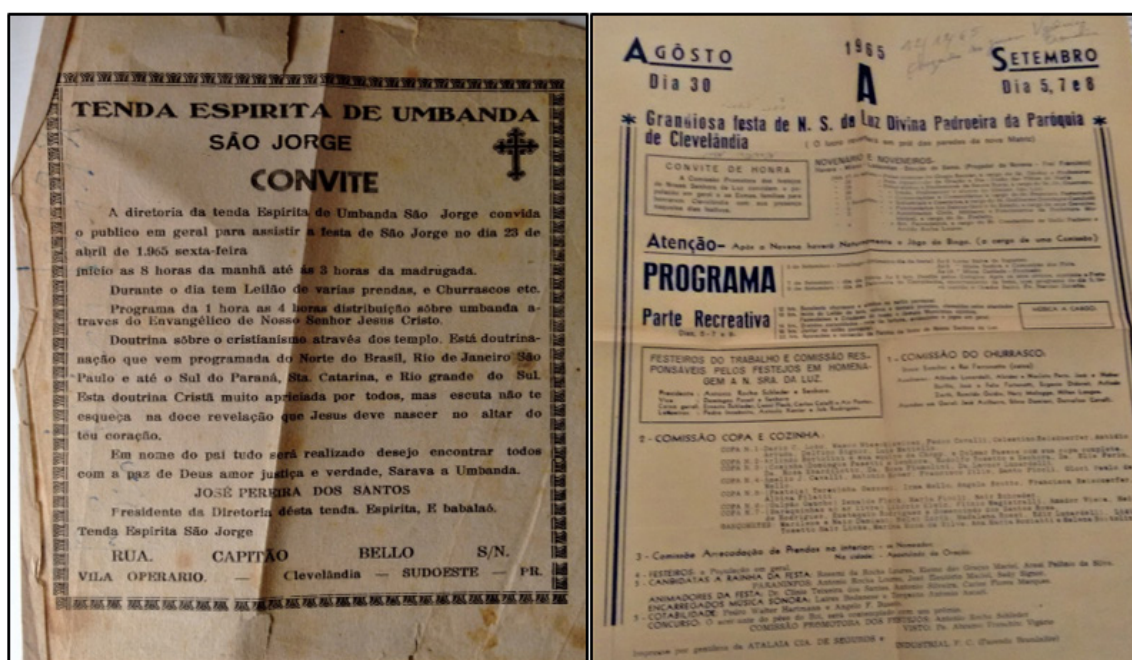
O fim do regime autoritário em 1945 abriu caminho para a democratização. Isto também significou que a perseguição sistemática aos umbandistas parou. Entre os umbandistas, isto desencadeou um distanciamento na identificação com o Espiritismo Kardecista e abriu a possibilidade para outras identificações diferentes e novas definições da Umbanda. Este novo desenvolvimento pode ser interpretado como uma reafricanização incipiente da Umbanda. Também como alternativa à Umbanda Branca, apareceu a Umbanda Africana. Esta buscou suas origens na África [...] e exaltou a herança africana. A mudança democrática capacitou a Umbanda de se espalhar e se tornar mais visível no sudeste brasileiro por meio de programas de rádio, jornais e da fundação de várias federações da Umbanda. No início dos anos 60, apesar do fim da perseguição governamental, a Igreja Católica liderou uma cruzada contra a Umbanda. Depois do Concílio Vaticano II (1962-1965), entretanto, a Igreja Católica no Brasil parou a perseguição, e começou a dialogar com as religiões não -cristãs. No Brasil esta resolução levou muitos padres católicos a se dar conta que o futuro do Catolicismo no país passa pela habilidade de lidar com as religiões Afro-brasileiras (Boff 1977). A Igreja Católica no Brasil começou a adotar um pluralismo litúrgico, incorporando elementos das religiões Afro-brasileiras em certas missas. Além disso a Igreja começou a reconhecer oficialmente a Umbanda como religião. Esta mudança significou que a Umbanda e outras religiões Afro-brasileiras puderam ganhar melhor posição no campo religioso (JENSEN, 2001, p.12).

Quando Seu Baiano e Dona Trindade se instalaram em Clevelândia, próximo do terreno onde se encontra a Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, havia a chamada capela dos remédios (hoje ainda de pé). A distância entre ambas é muito pequena (cerca de cem metros), evidenciando que Baiano não fez questão de construir a instituição religiosa retirada da vista da Igreja. Neste viés, para a Médium 11, apesar das acusações, o convívio com os representantes religiosos não era conflituoso:

Mas não era só desentendimentos, não, a gente também tinha muita, mas muita amizade [...] As freiras nos visitavam em casa, às vezes até vinham ver a sorte com a mãe. Quando nós viajávamos com elas por causa da escola, elas falavam para o meu pai: 'o Baiano e essas pérolas negras dele', elas gostavam muito da gente, meus pais gostavam muito delas também. Tanto que quatro irmãs foram madrinhas do meu casamento [...] Tinha um padre também muito amigo nosso. Eu lembro que na época tinham roubado da Igreja uma imagem da santa, e ele veio falar com a minha mãe e disse: 'Dona Maria, faz aquelas orações que só a senhora sabe fazer pra ver se nós conseguimos recuperar a nossa santa', então, também tinha esse lado, por isso falamos que não dá para generalizar... acho que em geral o relacionamento da Umbanda na cidade com as outras religiões foi bom, olhando para o passado (MÉDIUM 11, dezembro de 2017).

Em relação às semelhanças entre as estratégias desenvolvidas pela Igreja e pela Tenda para se relacionar com a sociedade, verificamos, por meio de pesquisa documental, que em consonância à Igreja Católica, Seu Baiano também organizava grandes festividades em datas comemorativas, para as quais o público em geral era convidado. A similitude dos conteúdos dos convites emitidos por ambas as instituições (no que diz respeito à forma de divulgação do cronograma de atividades das festas) é facilmente perceptível, conforme é possível conferir nos panfletos da época, onde constam horários reservados para a realização das atividades religiosas, seguidas de almoço (churrasco) e leilão de prendas.

Figura 3 - Convite emitido pela Tenda (1965) e Convite emitido pela Igreja Católica (1965)



Fonte: Imagem à esquerda: arquivo pessoal de Linda Jurema dos Santos Siqueira. Imagem à direita: Livro Tombo da Igreja Católica.

Analisando os convites, podemos perceber que ambos são formais e impressos em papel timbrado, colocando em destaque o caráter institucional das atividades. Assim, notamos que a forma segundo a qual a nova religião é anunciada e apresentada ao público clevelandense pelos fundadores não apenas assume o diálogo com as religiões e práticas cristãs, mas também inscrevem a religião de Umbanda como uma de suas modalidades.

Neste sentido, há que se chamar a atenção para o nome de registro da instituição, que faz menção à figura de um Santo Católico, e não de um Orixá ou Entidade espiritual⁵. No sincretismo religioso, São Jorge representa Ogum, mas é necessário destacar que os Santos Católicos não equivalem ou substituem os Orixás: são as características complementares e consoantes identificadas em ambos que permitem o estabelecimento de uma relação paralela.

Conforme salientam Ortiz (1999) e Trindade (2011), não é incomum que Terreiros, Tendras ou Centros de Umbanda contenham em sua nomenclatura nomes de Santos, sendo esta uma estratégia de legitimação empreendidas pelos Sacerdotes e/ou Dirigentes religiosos, diante de um cenário marcado pelas práticas do catolicismo oficial. No caso da Tenda de Baiano e Trindade, verificamos que além de explicitar o diálogo com a faceta institucional do catolicismo, percebemos que existem esforços no sentido de promover a valorização de práticas religiosas não institucionalizadas, que fazem parte da história da cidade e permanecem

⁵ Este não foi o caso de um terreiro de Umbanda fundado na cidade de Clevelandia/PR, após a instalação da Tenda de Seu Baiano, denominado “Centro do Caboclo Urubataô”. Conforme o Ogã da Terreira (Entrevista 04 – novembro de 2017), que frequentou o local antes de passar a fazer parte da Corrente de Seu Baiano, havia em ambas as instituições alguns médiuns em comum. Entre eles: João Leão (a quem a atual Dirigente Espiritual referiu-se como um grande apreciador da religião) e Valdemar Grozetta (o primeiro clevelandense atendido por José Pereira dos Santos, que alguns anos mais tarde veio a fundar o próprio terreiro). O desligamento da instituição fundada por Grozetta (ocorrido no ano de 2007, por volta de cinco anos após a data do seu falecimento) foi efetuado por Luiz Carneiro da Silva (o atual Ogã da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge)

vivas no imaginário social (conforme comentamos em momento anterior).

Isso se traduz na forma segundo a qual os Caboclos e os Indígenas (na qualidade de Guias Espirituais) se apresentam nos rituais; quando incorporados, os médiuns solicitam utensílios, como pequenas tigelas feitas em madeira para amassar folhas de chás (retiradas do próprio quintal da casa de Dona Jurema), e também ramos para efetuar a benção dos consulentes. Do mesmo modo o fazem os Pretos-Velhos, que durante os passes costumam proferir orações mencionando o nome de Santos e Anjos da Guarda.

Talvez, por este motivo, os indivíduos que procuram os médiuns na Tenda em busca de aconselhamento espiritual sintam-se à vontade para levar terços e rosários para serem agraciados pelas entidades que “baixam”. Isso demonstra como o espaço que a Tenda propicia amplia os processos de intercâmbio cultural. O terço, para o Umbandista, é uma guia que tem como adereço complementar uma cruz.

Chama a atenção, contudo, que em convites direcionados à população umbandista, é possível perceber mudanças na forma de apresentação das características da religião (ainda que isso não configure propriamente uma contradição). Em documentos que Seu Baiano levava para distribuir durante a realização de viagens com vista a divulgar a religião, podemos verificar que a relação das práticas umbandistas com os saberes esotéricos, com ênfase nos processos de cura e menção à explicação científica da magia, é ressaltada, conforme o leitor poderá verificar a seguir:

Figura 4 – Convite emitido em nome da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (1970)



Fonte: Arquivo pessoal de Linda Jurema dos Santos Siqueira.⁶

⁶ Segundo a fornecedora, na primeira linha onde está escrito “A Federação Espírita de Umbanda São Jorge [...]”, ocorreu um erro de digitação. Em vez do termo *Fedeção*, deveria constar *Tenda*.

Isso demonstra a condição “intermediária” da Umbanda, que muito bem descreve Negrão (1996). À semelhança do que ocorreu no cenário Paulista (retratado nas pesquisas do autor), no sudoeste paranaense, percebemos que a identidade religiosa se constrói de maneira ambígua, diante das necessidades de sua afirmação enquanto culto específico e na interface com as pressões homogeneizadoras da sociedade.

Segundo Dona Jurema, existem inúmeros terreiros espalhados pela região (Foz do Iguaçu/PR, Palmas/PR, entre outros), os quais seu pai esteve envolvido na fundação, fornecendo informações aos Dirigentes e médiuns. Era também muito comum a reunião destes terreiros nos dias de homenagem dos Orixás, e ainda que não oficialmente considerado enquanto matriz religiosa, percebe-se que a Tenda Espírita de Umbanda São Jorge era o local para onde outros Sacerdotes recorriam quando necessitavam de informações acerca da prática religiosa.

Portanto, podemos considerar Seu Baiano enquanto o precursor da Umbanda no cenário regional. Para a atual Dirigente, propagar a religião era uma atividade prazerosa para Baiano, pois lhe permitia conhecer pessoas diferentes e criar redes de contato. Por ter uma vida marcada por mudanças constantes – inclusive tendo trabalhado em circos – o que Seu Baiano menos gostava de fazer era ficar parado. Desta visão, o Ogã da Terreira também compactua: *“Seu Baiano era puro movimento! Gostava de mudar, viajar, aprender com todas as lições da vida. Ele era curioso - no bom sentido - e muito bem-humorado”* (Entrevista 01, setembro de 2017).

A política

Além do trabalho social que desempenhava em conjunto com o marido, por meio de atividades que envolviam doações e formas de exercer a caridade, Dona Trindade também se envolveu na vida pública, tendo sido eleita vereadora duas vezes no município de Clevelândia. Ao falar a respeito do engajamento da mãe na política, Dona Jurema destaca que esta é uma via complementar de prestação de serviços em prol da melhoria da qualidade de vida dos moradores locais: algo que sempre foi alvo de interesse dos pais.

Segundo Trindade (2011, 2017), a formação de alianças e candidaturas políticas é uma prática comum entre os Sacerdotes umbandistas. Muitos dos que se elegem costumam admitir abertamente que conquistaram o cargo em decorrência da posição religiosa (que lhes rendeu prestígio). Neste viés, como bem pontua Brown (1985), as candidaturas dos umbandistas são incentivadas pelos médiuns, que consideram a política como coadjuvante na emancipação dos trabalhos religiosos.

Assim, do mesmo modo que o prestígio social conquistado por meio da atividade religiosa contribui para a eleição do sacerdote, o prestígio social gerado pela posição de eleito também pode contribuir para dar visibilidade às práticas religiosas. Há uma relação de diálogo muito próxima entre ambas as esferas, sobretudo porque tanto a condição do sacerdote religioso (que é nomeado ou escolhido) quanto a do político abrangem questões de representatividade (em que ser líder significa ser porta-voz de outrem). Dona Trindade foi a primeira mulher eleita vereadora da cidade de Clevelândia/PR e sua inserção na política iniciou ao findar dos anos 1960, ou seja, logo após a fundação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge.

No final do ano de 2016, o atual Dirigente Administrativo (Valdir dos Santos Siqueira) foi candidato a vice-prefeito no município de Clevelândia pelo PTN (Partido Trabalhista Nacional), utilizando o nome de urna “Tenente Valdir”, visto que atualmente é militar reformado. Contudo, não obteve a vitória nas eleições (fato que não anulou por completo o seu interesse

em traçar uma carreira pública mais tarde. Em ocasião de entrevista, destacou Valdir que esta porta não está fechada, embora atualmente o seu foco de investimento e dedicação não seja em relação a atividades deste caráter).

O legado

Pouco tempo após a morte de Dona Trindade no ano de 2008, ocasionada devido a problemas de saúde, Seu Baiano também veio a falecer (no ano de 2009). As atividades da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge ficam, então, sob a regência de Dona Jurema, que atualmente reside na casa que era dos pais.

Antes de morrer, Seu Baiano anunciou o seu desejo em relação à continuidade das práticas religiosas, e chamou os médiuns mais antigos (atual Ogã da Terreira e Mãe-pequena) para conversar, solicitando que amparassem a filha no que fosse necessário e permanecessem ao seu lado:

Lembro como se fosse hoje o dia em que Seu Baiano partiu, pois quando o caixão estava sendo levado ao carro para ser transportado até o cemitério, uma chuva fininha começou a cair do céu, findando aquele momento. Isso me marcou profundamente [...]. Seu Baiano nos pediu para ficar ao lado da Jurema, se preocupou em repassar muita coisa sobre a religião que ele sabia, e nós ficamos, estamos até hoje. Eu e minha esposa conhecemos ela menina ainda. Eu tinha e tenho um amor incondicional pela Dona Trindade, e a Jurema lembra muito a postura dela. O Baiano não poderia ter tomado uma decisão melhor. É claro que se uma das irmãs tivesse assumido, com certeza teriam sido ótimas Babas⁷ também, mas a missão não era delas e no fundo ele já sabia disso há muito tempo [...] Hoje ficam boas lembranças daquele tempo, do Seu Baiano e da mãe velha - como eu chamava a Dona Trindade. Para você ter uma ideia, quando eu era motorista de ônibus, nós íamos para a praia todo final de ano. Seu Baiano enchia caixas e caixas de isopor de comida e suprimentos e levava todos os médiuns para a praia. Quem podia pagar a viagem, pagava, quem não podia, não deixava de ir por isso. Ele franqueava. Uma vez levamos daqui de Clevelândia uma imagem de Yemanjá. É aquela imagem grande que tem na Terreira, então você imagine! Enrolamos num cobertor para não danificar durante o caminho, e chegando lá fizemos um ritual lindo (OGÃ DA TERREIRA – Entrevista 01, setembro de 2017).

Quando Linda Jurema assume o posto de Dirigente Espiritual na Terreira, seu esposo opta por auxiliá-la enquanto Dirigente Administrativo, cuidando da parte burocrática da instituição. Ambos se conheceram no período da adolescência, quando o irmão de Valdir o trouxe para morar com Dona Trindade e Seu Baiano, onde permaneceu até ser chamado para cumprir com as suas obrigações militares. Em decorrência da distância e da saudade (que transparecia nas cartas trocadas), o relacionamento de Jurema e Valdir foi tomando novos rumos.

Após o casamento, tiveram três filhos: Lincoln dos Santos Siqueira (Engenheiro Elétrico, 41 anos), Helder dos Santos Siqueira (Cirurgião-Dentista, 39 anos) e Kelly dos Santos Siqueira (Técnica em Saúde Bucal e estudante de Pedagogia da Faculdade Machado de Assis – FAMA, 35 anos). Apenas Lincoln não participa das Giras com frequência, pois reside na cidade de Curitiba/PR. Os demais atuam na Tenda Espírita de Umbanda São Jorge: Kelly na qualidade de médium, e Helder na qualidade de Ogã de Atabaque e Cânticos. Junto à Dirigente Espiritual, este último é o responsável pela dinâmica ritualística. Cabe destacar, neste sentido, que os primeiros passos do seu desenvolvimento mediúnico foram na Umbanda, mas a iniciação

⁷ Abreviação de Babalorixá (Mãe de santo).

religiosa propriamente dita ocorreu num terreiro de Umbandomblé⁸ (localizado no Estado de São Paulo), e a Feitura de Santo seguiu continuidade no Candomblé Puro. Quando seus avós faleceram, Helder retorna à cidade de Clevelândia/PR, trazendo consigo o aprendizado decorrente da sua longa jornada mediúnica.

Acerca deste percurso, o Ogã de Atabaque e Cânticos destaca:

Ogã de Atabaque e Cânticos: Minha história com a Umbanda iniciou concretamente no dia 23 de fevereiro de 1979, numa noite de tempestade e de raios, na data em que era realizada a Festa de Oxóssi na Terreira. Enquanto criança, fui convivendo naturalmente dentro da Terreira, tocava Atabaque já de uma forma mais lúdica, porém participativa. Quando adulto, eu iniciei num terreiro em Curitiba e a minha primeira feitura de Santo foi em São Paulo. Então depois de alguns anos participando deste terreiro (em torno de seis anos), eu retornei à Terreira no momento em que meus avós estavam desencarnando. Foi quando minha mãe assumiu a responsabilidade pela Casa e eu permaneci ao lado dela. Foi um momento bem difícil, teve muita resistência de médiuns, desconfiança principalmente por parte dos mais antigos a respeito da minha capacidade. Mas eu me dediquei, adquiri muito conhecimento em relação à religião. Pelo menos o suficiente para poder servir de alicerce para a minha mãe e ajudar ela a reconstruir tudo. Hoje eu percebo que os médiuns têm grande consideração e respeito por mim e eu, por eles [...].

Pesquisadora: e como foi voltar para Clevelândia, tendo experiência no Candomblé e Umbandomblé? Houve alguma dificuldade em mesclar os princípios e as práticas das duas religiões?

Ogã de Atabaque e Cânticos: Eu acho que seria difícil se eu não conhecesse antes de retornar, entende? Mas como eu já estava familiarizado com o trabalho desenvolvido [...] então se tornou fácil. Claro que a gente sempre está em transformação, então muito do conhecimento adquirido foi agregado. Mas eu sempre digo que os conhecimentos essenciais na religião de Umbanda são passados de geração em geração. Os livros ensinam muito, mas não ensinam tudo. A Umbanda é uma religião em que esta questão do legado, da missão, faz muita diferença. Por isso sempre dizemos que o Babalorixá e a Yalorixá estão predestinados para cumprir esse papel, assumir essa posição. Porque é um trabalho que exige vocação, por ser muito complexo (OGÃ DE ATABAQUE E CÂNTICOS, dezembro de 2017).

Para o Ogã de Atabaque e Cânticos, a Tenda é considerada enquanto núcleo de referência para a elaboração da sua história de vida e do discurso em torno do indivíduo que se tornou. Isto fica evidente logo na primeira frase, em que o interlocutor tangencia o dia do seu nascimento como marcador do início da sua trajetória na religião. Do mesmo modo, ao lembrar do período de convivência dos avós, foi possível verificar que a forma segundo a qual Heder descreve as suas características denuncia a dificuldade em separar completamente os ensinamentos oriundos do ambiente intrafamiliar dos princípios valorizados em âmbito religioso. Há uma área de intersecção entre ambos, cujas fronteiras aparentemente não se mostram delineadas. Ou seja: o senso de coerência que permeia e regulamenta a esfera das relações sociais, que é produzido no seio familiar, e repercute nas formas de organizar os rituais, interagir com os médiuns e atender os consulentes.

⁸ Segundo Guimarães (2012, p. 6): “[...] nesta vertente existe um culto mínimo aos santos católicos e os Orixás são fortemente vinculados às tradições africanas, principalmente as da nação Ketu, podendo inclusive ocorrer a presença de outras entidades no panteão que não são encontrados nas demais vertentes da Umbanda [...]”.

Deste modo, o Ogã de Atabaque e Cânticos, o Dirigente Administrativo da instituição (Valdir), a Dirigente espiritual e suas irmãs parecem concordar que as regras da casa e as regras da Tenda preservam semelhanças, pois se influenciam e se reproduzem em processo contínuo. Quando a Médium 11 nos descreve Seu Baiano como “sendo a Umbanda”, verificamos a intensidade destas articulações: sob nossa perspectiva, é com base na constatação desta correspondência que o sentido de tradição familiar se configura e se fortalece a partir da prática religiosa, e que a prática religiosa é um método que possibilita o manejo da tradição devido à sua ancoragem na convivência familiar.

Nesta perspectiva, a Tenda pode ser considerada um “lugar de memória”, na acepção de Nora (1993). Segundo o autor, os lugares de memória podem ser definidos como aqueles que têm a capacidade de permanecer na encruzilhada de esferas de domínio distintas, naturais e artificiais, imediatamente oferecidas pela via da experiência e que simultaneamente a transcende. Em suma: “são lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. [...] um lugar de aparência puramente material [...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (NORA, 1993, p. 21).

Percebemos que o retorno ao passado é constante, principalmente por parte dos médiuns antigos (Ogã da Tenda e Mãe-Pequena), para explicar o significado da hierarquia de trabalho e a disposição dos elementos em âmbito ritualístico. A este respeito, foi possível observar que o conhecimento de Seu Baiano nunca é questionado, posto “em cheque”, ainda que a ele sejam agregados novos modos de compreensão da teologia da Umbanda. Isso nos permite concluir que as mudanças na esfera prática, que os médiuns aderiram após a morte dos fundadores, não são consideradas entraves para o mantimento da tradição, e, sim, necessárias para a atualização de uma espécie de *continuum*, que ganha força através da qualidade dos vínculos:

Pesquisadora: em relação as suas decisões de ir e voltar, teve algum momento marcante que fez você pensar algo do tipo “meu lugar é na Terreira”?

Ogã de Atabaque e Cânticos: Sim, tiveram dois momentos cruciais na minha vida. Um deles foi numa época em que eu morava sozinho num apartamento em Curitiba, trabalhava em dois lugares, era auxiliar de enfermagem. Minha vida estava estagnada em vários sentidos, e teve um dia que eu me olhei no espelho e disse “meu Pai, se a minha vida for para ser assim do jeito que está, eu aceito. Mas o meu desejo é ter a oportunidade de melhorar como pessoa”. Uma semana depois, uma prima minha me convidou para eu ir para o terreiro – esse onde eu cumpri os ritos de iniciação. E o outro momento foi quando meu avô desencarnou, e pouco antes disso acontecer ele comunicou a minha mãe que ela teria de assumir a Terreira. Nesse momento, minha mãe veio conversar comigo e me falou a respeito. Eu achei que iria auxiliar ela durante um período, apenas. Mas a partir daí foram acontecendo várias coisas e eu comecei a perceber que tudo me trazia para a Terreira. Meu avô nunca me obrigou, nunca tentou me persuadir a ficar, mas ele costumava dizer pra minha mãe quando eu saía: ‘ele foi, mas ele volta’ [...] E eu lembro também de minha avó, que às vezes sentava pra conversar comigo e me dizia muitas coisas que vieram a acontecer, se confirmaram depois, exatamente como ela tinha mencionado. Bom... Ela tinha uma sensibilidade muito grande, era mais quieta, concentrada, e o meu avô era mais extrovertido, mas os dois eram muito transparentes, acreditavam nas mesmas coisas, seguiam os mesmos princípios e você percebia o que eles falavam era o mesmo que eles faziam, e a forma como eles viam a vida, encaravam os problemas, as dificuldades [...] Eram pessoas extraordinárias e não é à toa que se tornaram grandes representantes da Umbanda. Ser responsável por um Centro não é

fácil, é preciso muita responsabilidade, disciplina, foco, mas principalmente ter vocação, estar disposto a aprender sempre com as coisas que acontecem e buscar sempre melhorar como pessoa. [...] A partir do reconhecimento de quem é o seu Orixá de Cabeça, você já começa a perceber melhor quem você é. As entidades também vão nos mostrando isso. Por isso o conhecimento é fundamental, o médium precisa compreender a filosofia da Casa, para poder entender os sinais do plano espiritual, usar as orientações para aprimorar as suas qualidades. E isso só é possível se os Dirigentes conseguem olhar para cada um, e reconhecer cada médium como sendo único (OGÃ DE ATABAQUE E CÂNTICOS - Entrevista 01, dezembro de 2017).

Neste sentido, como bem frisa Prandi (2004), a Umbanda é uma religião de pequenos grupos e não uma religião de massa, pois os indivíduos se congregam em torno de uma Mãe (ou Pai) de Santo, dispondo-se a aderir aos seus padrões de socialização. A forma de organização em torno de um líder e de suas regras (desde que respeitados os postulados básicos da religião⁹) é o que define um terreiro de Umbanda – conforme pontuou também o Ogã de Atabaque e Cânticos. O líder possui liberdade para manejar as formas de significação que as práticas religiosas produzem, e, neste sentido, verificamos que o discurso da Dirigente é plural, entrecruzado pela multiplicidade. Em relação aos médiuns, estes são considerados protagonistas da instituição pela Dirigente, que os considera parte da história da Tenda, fazendo referência aos mesmos como “Irmãos de Corrente” ou “Filhos da Casa”, e constantemente utiliza exemplos de situações particulares, vivenciadas com eles, para teorizar sobre as especificidades dos trabalhos religiosos.

Por conseguinte, percebemos que a relação familiar e de proximidade que o convívio religioso propicia entre os umbandistas contribui para a formação de laços afetivos entre os médiuns¹⁰. Passando a fazer parte da Corrente, os indivíduos são convidados para comemorar conquistas, celebrar aniversários com os integrantes da família de Dona Jurema. Por isso, muitos médiuns descrevem a Corrente como uma “segunda família” e a instituição, como “uma segunda casa” – conforme o fez certa vez o Ogã da Tenda ao se despedir numa noite de Gira: “agora vou para a casa” – referindo-se à sua residência – “ou melhor, para a minha outra casa!”.

Ademais, foi possível constatar que a própria hierarquia dos médiuns se reproduz na forma de organização: os rituais popularmente são denominados como Gira, porque nos momentos iniciais os médiuns se organizam em forma de circunferência. Seus lugares são fixos, ficando os mais antigos mais próximos do Congá e de frente para a porta de entrada da instituição, enquanto os médiuns iniciantes permanecem de costas para a porta de entrada, mais afastados do Congá, mas sem perdê-lo de vista.

A organização dos rituais umbandistas em forma de circunferência é influência da cultura africana, e representa a acepção do mundo como uma espécie de espiral, que necessita transformar-se constantemente para permanecer em movimento. A transformação é o elemento-chave, e se dá por meio das trocas simbólicas, que envolvem processos complexos de articulação de saberes. Aí ganha destaque a lógica da ancestralidade, que também é valorizada

⁹ Assegurados na Carta Magna da Umbanda, idealizada por Ortiz Belo de Souza. Esta encontra-se disponível nos sites das Federações de Umbanda (inclusive a do Estado do Paraná – FUEP: <https://www.fuep.org.br/artigos-e-textos/349-2/>).

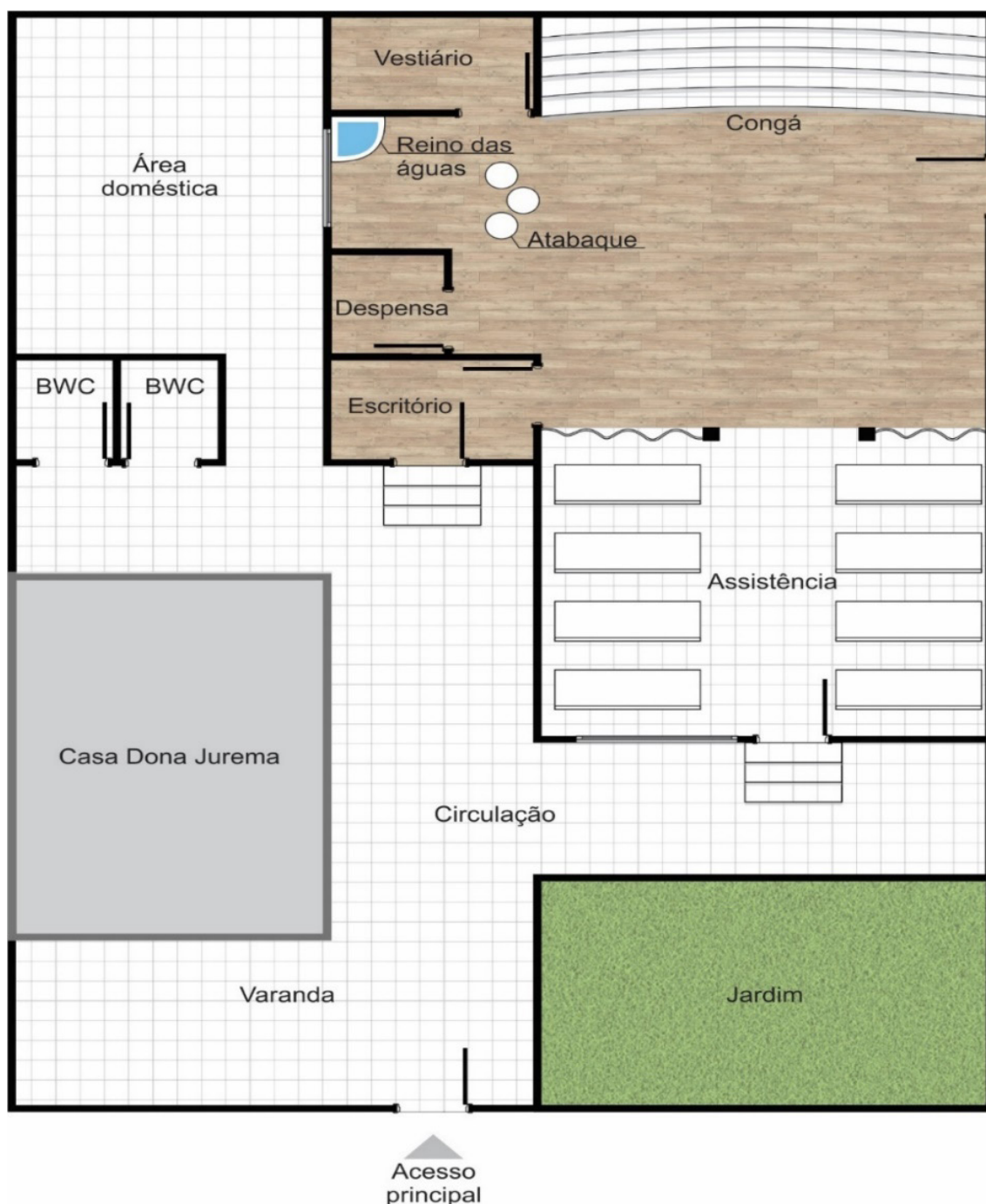
¹⁰ Um aspecto interessante são as fases de desenvolvimento mediúnico, pois estas estimulam associações de compadrio e apadrinhamento (como é o caso dos Batismos). O Ogã da Terreira e a Mãe Pequena, por exemplo, possuem mais de quinze afilhados, os quais costumam lhes visitar com frequência.

nos rituais efetuados na Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (ainda que numa perspectiva distinta da que predomina nos chamados cultos de nação). Neste caso, quando um médium passa a fazer parte da Corrente, ele nasce para um novo grupo e passa a compartilhar da sensação de pertencimento que a sua dinâmica alimenta. Portanto, o senso de pertença (que dialoga estreitamente com os processos de reconhecimento e com a noção de identidade social) é fundamental para sustentar a harmonia e a coesão interna.

Verificamos, pois, que a forma de apropriação dos elementos e bens simbólicos que dão corpo aos rituais umbandistas deve contar com amparo especializado. Valorizam-se na Tenda momentos de ensino e aprendizagem, respeitando-se o grau de dedicação e as particularidades dos cargos desempenhados por cada médium. Quando ocorre o batismo, valoriza-se a escolha de um Padrinho e Madrinha, que atuam como mentores e auxiliam os indivíduos (chamados neófitos), fornecendo orientações e suporte. Interpretamos esta forma de vinculação como uma espécie de sistema de compadrio, com vista a estreitar laços emocionais.

Neste sentido, os Dirigentes incentivam a interação entre os adeptos. Tanto que ao mencionar a intenção de ampliar a área da instituição, o Dirigente Administrativo destacou o objetivo de construir uma sala de estar para que os médiuns possam permanecer mais tempo no local, antes e/ou depois da conclusão das atividades religiosas. Porém, embora a instituição atualmente não conte com um espaço exclusivo para pequenas reuniões, elas não deixam de acontecer em espaços alternativos: ora dentro da casa de Dona Jurema (que cuidadosamente sempre deixa a mesa posta para aqueles que sentem fome nas noites de Gira), ora nas calçadas que possibilitam o acesso ao interior da Tenda.

Figura 4 - Estrutura Física da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (vista de cima)



Fonte: A autora.

Ao adentrarem a Tenda, portanto, os médiuns passam a conhecer a história do local e a trajetória dos fundadores, ou seja, são também “iniciados” à memória familiar que se inscreve no semblante da instituição (e vice-versa), e, a partir de então, recebem convites para participar de momentos de confraternização extrarritual.

O fato de a instituição localizar-se no mesmo terreno da casa dos Dirigentes facilita o manejo das relações sociais. Cabe ressaltar que esta não é uma situação incomum entre os

terreiros distribuídos no país, que geralmente encontram-se acoplados às residências dos seus respectivos Sacerdotes. Por conseguinte, percebemos ser a Tenda uma aliada no fechamento do sentido atribuído às relações sociais (seja aquelas que se estabelecem entre médiuns, entre médiuns e consulentes, entre médiuns e sacerdotes e entre sacerdotes e consulentes).

Destarte, fica evidente o esforço em prol do manejo das fronteiras que se estruturam com base nas acepções de “nós” e “eles”, “nosso” e “deles”, “dentro” e “fora” – frequentemente reiteradas pelos médiuns entrevistados, quando a reputação social passava a fazer parte da conversação. Neste viés, argumenta o Dirigente Administrativo:

Dirigente Administrativo: Houveram algumas mudanças [referindo-se ao ano de 2013] no que diz respeito ao comprometimento religioso dos médiuns. Além disso, também fizemos o Regimento Interno, que regula justamente a função que prescreve no Estatuto, e estamos desenvolvendo um trabalho que valoriza a responsabilidade mediúnica e jurídica dos seus associados. Nós acreditamos que para o médium levar a Umbanda para fora da Terreira, é preciso saber como é o funcionamento. Por isso nós buscamos respaldar as atividades religiosas dos médiuns, fornecendo orientações constantemente.

Pesquisadora: todos os médiuns têm conhecimento do Estatuto?

Dirigente Administrativo: Sim, todos têm conhecimento do Estatuto [...] não só do Estatuto mas também de tudo o que acontece, de todas as decisões. Quando questionados sobre o que é a Umbanda, é importante que eles saibam como responder, por isso conhecer a história, o papel de cada um dentro da Terreira é importante. Nós somos totalmente a favor do conhecimento, e sabemos da importância de se representar a Umbanda com propriedade, e acredito que por Seu Baiano ter sido extremamente consciente disso, é que nos tornamos o que somos hoje. Eu e minha esposa valorizamos muito o que eles fizeram por nós, pelos médiuns, e sempre buscamos conduzir os trabalhos na mesma linha, mas sem parar no tempo, ou seja, ponderando a pertinência de mudanças e adequações nos Regimentos, que é minha responsabilidade, e no andamento dos rituais, que fica sob responsabilidade direta da Jurema, minha esposa. Mas é importante dizer que os nossos filhos têm um papel muito importante nisso tudo, afinal, provavelmente depois que nós não pudermos mais conduzir os trabalhos, serão eles que vão dar seguimento [...] apesar de sabermos que a espiritualidade é quem dita as regras, acreditamos que o Helder, em especial, está mais do que preparado para assumir a direção das atividades (DIRETOR ADMINISTRATIVO - Entrevista 01, novembro de 2017).

Percebemos que, sob o prisma do interlocutor, prezar pela imagem da Umbanda é também prezar pelo nome da família dos fundadores. Tal constatação vai ao encontro das considerações de Geertz (1978), que afirma ser a religião um sistema cultural na medida em que promove a união de um estilo de vida específico a uma metafísica específica, gerando, assim, um direcionamento moral (ethos). Logo, afirma o autor: “ser devoto não é estar praticando algum ato de devoção, mas ser capaz de praticá-lo” (p. 110), e mais: ser capaz de assumir as consequências desta prática. Nas palavras de Dona Jurema: “ser médium umbandista é ser médium vinte e quatro horas por dia. A religiosidade e a mediunidade não se penduram no cabide! Somos umbandistas vinte quatro horas por dia, sete dias por semana: não tem como ser diferente” (ENTREVISTA 08, dezembro de 2017). Desta forma, torna-se explícito que todo médium é considerado responsável por salvaguardar a imagem da religião, que outrora foi alvo de ataques e perseguições.

Considerações finais

Apesar de estar inserida numa região majoritariamente católica – inclusive tendo sido fundada na época em que o catolicismo oficial ganhava força – a Tenda Espírita de Umbanda São Jorge manteve-se de pé e conquistou popularidade entre os moradores de Clevelândia. O seu processo de legitimação foi explorado com maior profundidade em momento anterior, que assumiu a estrutura de uma Dissertação de Mestrado na área das Ciências Sociais (Crestani, 2018).

Este artigo é parte integrante desta pesquisa (e compõe grande parte do seu terceiro capítulo). Contudo, buscamos aqui ampliar o diálogo em torno das relações de proximidade e identificação que as práticas religiosas propiciam, tendo como parâmetro o compartilhamento da memória familiar.

A partir disso foi possível perceber que os atuais Dirigentes, ao longo do tempo, buscaram aprimorar os mecanismos considerados potencializadores da associação dos médiuns na forma de grupo, propondo a ressignificação da trajetória dos fundadores à luz das demandas atuais. Com a mudança da figura que ocupava o posto de liderança nos trabalhos religiosos (que efetivamente ocorre no ano de 2010), a ritualística também assume novos traços, mas os princípios básicos – como é o caso dos ritos iniciais e de encerramento, a forma de disposição das velas e a forma de instrumentalização dos médiuns de incorporação – mantiveram-se intactos. As esferas que sofreram modificações mais significativas dizem respeito à forma de relacionamento interpessoal entre os membros da Corrente, e em relação à delimitação de etapas a serem seguidas pelos consulentes interessados em se tornar médiuns (antes do Batismo).

Além disso, cabe destacar que a experiência de Helder (neto dos fundadores) em Terreiros de Candomblé e seu posterior retorno à Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (na qualidade de Ogã de Atabaque e Cânticos) propiciou o vislumbre de novas formas de compreensão da prática religiosa. Inicialmente, conforme foi possível abstrair de seu relato, a ausência dos fundadores caucionou um clima de desconfiança entre os médiuns, então habituados à forma de liderança de Baiano. Isso fez com que o número de médiuns da Tenda diminuísse consideravelmente neste período de transição, mas alguns médiuns remanescentes permaneceram ao lado dos atuais Dirigentes e os auxiliaram na retomada das atividades. Acreditamos que a presença dos médiuns antigos foi crucial para tanto.

Referências

- ANDRADE, G. LOURES, N. L. P. **Um rio por testemunha: o combate no rio São Francisco de Sales**. Pato Branco: Imprepel, 2014.
- BALDAIA, J. S. **Os processos de legitimação da Umbanda e a visão plural de sociedade e cidadania no Brasil – Curitiba, final da década de 1970**. 2013. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- BASTIDE, R. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BROWN, D. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1993.
- CRESTANI, Taiza Gabriela Zanatta. **Uma grande peneira: o processo de legitimação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (Clevelândia/PR)**. 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2018.

GEERTZ, C. “A religião como sistema cultural”. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JESSEN, T. G. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desafrikanização para a reafrikanização. **REVER**. 2001. Disponível em: < https://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/t_jessen.htm > Acesso em 14 Mar, 2019.

MAGNANI, J. G.C. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1986.

NEGRÃO, L. N. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista de São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NORA, P. **Entre Memória e História**. São Paulo: Dez, 1993.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300015>> Acesso em: 12 ago. 2018.

TRINDADE, D. F. **História da Umbanda no Brasil**. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2011.

TRINDADE, D. F. **História da Umbanda no Brasil**. V. 5. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2017.

VIECILI, A. D. **Clevelândia: nossa terra, nossa gente**. Curitiba: Gráfica Xingu, 2003.